



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

EQUIPES DE LITURGIA: ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DE UMA VIVÊNCIA COMUNITÁRIA NO ÂMBITO DA IECLB¹ E DA ICAR²

Liturgy Teams: theoretical and practical aspects of a community experience within the IECLB and the ICAR

André Luiz Belard³

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo conceituar “Equipes de Liturgia” e fazer um resgate das experiências tanto no âmbito da IECLB quanto no âmbito da ICAR brasileira. A IECLB e a ICAR são as igrejas que mais se dedicam a esse trabalho e ambas possuem caminhos e entraves para o exercício do ministério geral da comunidade.

Palavras-chave:

Equipes de liturgia. Ministério da comunidade. Experiências comunitárias.

Abstract:

This article aims to conceptualize "Liturgy Teams" and recover experiences both within the IECLB as well as within the Brazilian ICAR. The ICAR and the IECLB are churches that are more dedicated to this work and both have paths and obstacles to the exercise of the general ministry of the community.

Keywords:

Liturgy Teams. Ministry of the community. Community experiences.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo conceituar “Equipes de Liturgia” e fazer um resgate das experiências tanto no âmbito da IECLB quanto no âmbito da ICAR brasileira. A IECLB e a ICAR são as igrejas que mais se dedicam a esse trabalho e ambas possuem caminhos e entraves para o exercício do ministério geral da comunidade.

¹ Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

² Igreja Católica Apostólica Romana.

³ André Luiz Belard é bacharel em Teologia pela Faculdades EST de São Leopoldo. Contato: belardhist@hotmail.com

Conceituações de equipes de liturgia

Para uma melhor compreensão do que é “Equipe de Liturgia” é necessário observar como ela é entendida dentro do âmbito da IECLB⁴ e da ICAR.⁵ Dentro da realidade da IECLB, pode-se conceituar equipes de liturgia e entender a sua função da seguinte forma:

A equipe de Liturgia é formada por um grupo de pessoas batizadas, membros de uma mesma comunidade que, mediante capacitação através de cursos e seminários, passam a organizar e moldar, sob a incumbência da comunidade, os cultos junto com o pastor ou com a pastora. (...) A principal função de uma equipe de liturgia é ser alavanca que leva toda comunidade a louvar a Deus com mais alegria através de um serviço de louvor participativo, envolvente e significativo. Ela procura concretizar a motivação teológica, encontrada em 1 Coríntios 12, e ativar o exercício do ministério de pessoas batizadas (1Pedro 2.9).⁶

É importante observar que o conceito de equipe de liturgia dentro da IECLB não tem a pretensão de ser um grupo à parte da comunidade e sim parte dela, contribuindo para que todo o corpo de Cristo participe do culto de forma significativa. Outro aspecto que merece destaque nessa concepção é a formação e capacitação. Culto é coisa séria. A condução da liturgia e o anúncio da palavra de Deus requerem zelo, discernimento, preparação e capacitação. Uma equipe de liturgia não se forma da noite para o dia. É um processo de construção dentro da comunidade.

No meio católico, o conceito de equipe de liturgia é entendido da seguinte forma:

Uma equipe de liturgia existe para um grande trabalho, uma grande realização: animar as celebrações. [...], uma equipe tem uma causa comum. A causa da equipe de liturgia é justamente o significado da palavra liturgia: “Serviço”! A equipe deve gostar de trabalhar; deve ser apaixonada pelo que faz, pois o amor é criativo. [...] Muita gente pensa que equipe de liturgia é composta somente por cantores e leitores. Não é só isto não! Além dos cantores e leitores, temos: comentaristas, instrumentistas, salmistas, recepcionistas, sonoplastas, e, se possível, decoradores e cartazistas que, com sua criatividade, colocarão cartazes e símbolos para que o “visual” também esteja a serviço da Palavra. Todas essas pessoas tem um ministério litúrgico a ser desenvolvido. [...] A elas compete preparar as reuniões, planejar as celebrações, tudo em perfeita sintonia. Também em perfeita sintonia com a equipe deve estar o vigário ou o que irá presidir a celebração.⁷

No conceito católico destaca-se, como na concepção da IECLB, a dimensão do serviço. É a partir do serviço cristão que as equipes de liturgia exercem o seu ministério. Destaca-se nesse conceito as múltiplas funções das equipes de liturgia como a organização, planejamento e execução da proposta. Não é apenas receber a liturgia e fazer a leitura. As equipes de liturgia, dentro da compreensão de serviço, ministério e sacerdócio, têm autonomia para pensar, discutir e planejar uma celebração.

⁴ Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

⁵ Igreja Católica Apostólica Romana.

⁶ KNEBELKAMP, Ari; TREIN, Hans Alfred. *Liturgia: como se faz*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 22.

⁷ FABRETI. *Dinâmica para a equipe de liturgia: orientações práticas para animação das celebrações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 21-22.

Equipes de liturgia: um chamado para todas as pessoas

A IECLB, em seu documento “Nossa Fé, Nossa Vida”, traz algumas contribuições para a temática. Com o objetivo de funcionar como um guia da vida comunitária, este documento aborda também a questão dos ministérios, cargos e funções dentro da igreja. No tópico “Os ministérios – cargos e funções na igreja, o documento aponta que só existe um ministério: o de testemunhar o Evangelho de Cristo confiado à comunidade”. Nesse ministério:

Todos nós, como membros da Igreja de Cristo, somos sacerdócio real, representantes de Deus, encarregados por ele mesmo de proclamar e viver a boa-nova da salvação em Cristo no ambiente em que vivemos. [...] Os membros da comunidade têm muitos dons, nem sempre conhecidos e despertados. Todos eles devem ser utilizados na busca do alvo da comunidade: ser instrumento da missão de Deus no mundo.⁸

Portanto, todas as pessoas que ingressam no corpo de Cristo são chamadas a colocar os seus dons a serviço da comunidade. Dessa forma, elas exercem o seu sacerdócio, testemunhando o Evangelho de Cristo juntamente com toda a comunidade de fé. Sobre o ministério “leigo”, o documento ainda aponta:

A amplitude da missão de Cristo requer que a comunidade chame pessoas leigas para participarem, segundo o ministério compartilhado, na realização de cultos e ofícios, na instrução cristã, assistência, orientação de grupos, visitação, música, administração e em outros campos de ação, conforme necessidade e possibilidade.⁹

Dentro da realidade da IECLB, são reconhecidos quatro ministérios ordenados: pastoral, catequético, diaconal e missionário. Porém, a ordenação conferida não torna a pessoa numa posição de superioridade. Martim Lutero utilizava sempre a expressão “distinção”. É um chamado especial, que parte de dentro da comunidade, distinto, mas nunca superior. Pelo batismo, todas as pessoas são elevadas a mesma condição de sacerdócio, sem hierarquias, sem opressão e sem uma condição espiritual superior.

Dentro da proposta das equipes de liturgia todas as pessoas são chamadas: ministros/as ordenados/as e também por todas as pessoas que fazem parte da comunidade (crianças, adolescentes, pessoas adultas e pessoas idosas), mas percebo que os ministros/as ordenados/as têm um papel fundamental. Três ações são importantes:

- a) dizer incansavelmente que o ministério de pregar o evangelho é da comunidade;
- b) animar pessoas batizadas assumirem um ministério especial, de acordo com os seus dons;
- c) equipar, formar, aparelhar as pessoas batizadas para o trabalho nas equipes de liturgia.¹⁰ Dessa forma é possível vislumbrar uma comunidade onde todas as pessoas batizadas exercem o seu sacerdócio de forma integral. No âmbito da IECLB têm-se todas as condições de formar boas equipes de liturgia, pois sua base teológica aponta para isso.

⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa fé, nossa vida*: guia da vida comunitária na IECLB. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011. p. 10.

⁹ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa fé, nossa vida*: guia da vida comunitária na IECLB, 2011. p. 10.

¹⁰ KNEBELKAMP, 1996, p. 21.

Equipes de liturgia na IECLB: um resgate de experiências comunitárias

Onde começam as experiências em relação às equipes de liturgia na IECLB? A edição inicial da Revista Tear, de abril do ano 2000, faz referência as primeiras tentativas de trabalhar a liturgia com membros das comunidades. A equipe da Revista Tear assim escreve:

Para responder a uma orientação conciliar (1990), comunidades da IECLB receberam estímulos a estudar liturgia. Sensibilizadas, enviaram membros leigos, pastores e pastoras para participar de cursos voltados para equipes de liturgia, coordenados pelo Instituto de Capacitação Teológica especial (IECT) da EST. [...] Na época os resultados positivos foram logo percebidos. Os cultos organizados por uma equipe de liturgia envolviam, alegravam, despertavam e animavam as pessoas que participavam. Uma equipe de liturgia parecia ser o parceiro que a comunidade esperava há muito tempo.¹¹

Essa experiência inicial trouxe bons frutos para as celebrações e cultos dentro da IECLB. A partir dessas formações surgiram grupos de liturgia no oeste paranaense, leste catarinense e no sul, centro e norte rio-grandense. Certamente outras regiões do país também tiveram a oportunidade de formar suas equipes de liturgia, mas infelizmente nem todas as experiências foram registradas e publicadas dentro da IECLB. Nas edições da Revista Tear encontram-se vários relatos de equipes de liturgia formadas a partir desse movimento iniciado em 1990. São eles: Estrela/RS (1996), Imigrante/RS (1995), e no Sínodo Noroeste Rio-Grandense.

Na paróquia de Estrela, em 1996, realizou-se a experiência do trabalho com equipes de liturgia. Na verdade, a formação das equipes foi consequência do processo de formação dos membros na área litúrgica. A formação coordenada pelos então ministros Geovane Scholler, Marcos Bechert e Eloir Weber deram origem a uma equipe composta por 14 pessoas que celebravam um culto por mês, enriquecendo as celebrações com seus dons. A comunidade foi receptiva e a ideia foi muito bem aceita.¹²

Uma das pessoas participantes da equipe de liturgia assim relatou a sua experiência:

A compreensão de que o culto é responsabilidade de toda a comunidade torna-o mais significativo e criativo. O uso de símbolos e a criação de um bom ambiente para a celebração brotam da participação da equipe toda. Dentro de um grupo as ideias surgem melhor a partir do diálogo e da experiência de cada um.¹³

Esse relato aponta para o centro da discussão das equipes de liturgia. O culto é da comunidade e deve ser devolvido a ela. A experiência de fazer parte do culto ressignifica o ser cristão. A comunidade é renovada e edificada com a participação de todas as pessoas que dela fazem parte.

Na Paróquia Evangélica Arroio da Seca, na cidade de Imigrante/RS, o trabalho com as equipes de liturgia surge a partir da busca por mais participação e envolvimento nos cultos comunitários. Essa comunidade também contou com o auxílio do ministro Geovani Scholler e do

¹¹ EQUIPE TEAR. Equipes de liturgia da IECLB, o sonho acabou? *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v.1, n.1, 2000. p. 13.

¹² EQUIPE TEAR, 2000. p. 13.

¹³ EQUIPE TEAR, 2000, p. 13.

então ministro local Erno Feiden. Para a formação foi utilizado o terceiro fascículo da coleção Colméia¹⁴: A experiência foi positiva e acabou atraindo mais pessoas para participar da equipe.¹⁵

O ministro Paulo Augusto Daenecke entrevistou algumas pessoas participantes e uma delas relatou a experiência da seguinte forma:

Descobrimos que é sinal de vida e que o culto é da comunidade. O culto é um espaço especial que a comunidade tem para expressar a sua fé. O envolvimento na equipe de liturgia nos transformou: de pessoas ouvintes passamos a participantes ativas no culto.¹⁶

Novamente aparece o relato de que o culto pertence à comunidade. Outro fator interessante é a ação do ministro Geovani Scholler que provavelmente dedicava um tempo importante para a formação das equipes de liturgia.

No Sínodo Noroeste Rio-Grandense, o trabalho foi coordenado pelos ministros Carlos Romeu Dege/Três de Maio e pelo ministro Reinoldo Gluck Neumann/Santo Ângelo. Foram promovidos cursos de formação litúrgica, cursos de atualização e aprofundamento para as pessoas que já participavam das equipes e também a produção de cadernos de cultos, elaborados pelos integrantes das equipes.¹⁷ Marli D. Reisner relata a sua experiência da seguinte forma:

Trabalhar com liturgia é gratificante, pois comunidade que celebra é comunidade que vive a sua fé, a sua esperança. Anuncia o Deus vivo que nos serve e envia a vivermos o evangelho do amor [...] “As comunidades de nossa paróquia nunca ficam sem culto, pois, mesmo com a ausência de pastores, a equipe de liturgia tem celebrado os cultos com responsabilidade e muita dedicação.”¹⁸

Na experiência do Sínodo Noroeste Rio-Grandense percebemos uma característica marcante das comunidades e paróquias que possuem uma equipe de liturgia formada. Elas não ficam sem culto. A ausência de um ministro ordenado não impede a comunidade de celebrar. Assim, a comunidade permanece espiritualmente suprida e fortalecida para enfrentar seus desafios cotidianos. A riqueza das celebrações motiva a participação e anima as pessoas a colocarem seus dons a serviço do corpo de Cristo.

Outra rica experiência na formação das equipes de Liturgia vêm da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana da Ascensão, em Novo Hamburgo/RS. A experiência brotou de um grupo de pessoas que eram responsáveis por um “culto da família”. Contudo, percebeu-se que as liturgias elaboradas precisavam de atualizações e de um maior embasamento teológico. Dessa forma, foi organizado um Curso de Liturgia, com o objetivo de oferecer uma capacitação litúrgica. Novamente a Série Colméia foi utilizada como material didático e a formação deu-se em três módulos. Os participantes receberam um certificado de conclusão do curso numa celebração

¹⁴ KNEBELKAMP, 1996.

¹⁵ BECHERT, Marcos; WEBER, Eloir Enio. Equipe de liturgia de Estrela-RS conta um pouco de si. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v.1, n.2, 2000. p. 13.

¹⁶ BECHERT, Marcos; WEBER, Eloir Enio, 2000, p. 13.

¹⁷ DAENECKE, Paulo Augusto. A caminhada das equipes de liturgia na Paróquia Evangélica Arroio da Seca - Imigrante/RS. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v.1, n.4, 2001. p. 14.

¹⁸ DAENECKE, 2001, p. 14-15.

comunitária e foram investidos no trabalho comunitário na presença da comunidade, de presbíteros, de autoridades da IECLB e de seus familiares.¹⁹

O ministro Everton Ricardo Bootz relata que a experiência com a formação das equipes de liturgia na comunidade da Ascensão animou as pessoas para a participação nas equipes de liturgia. O sucesso da experiência inicial motivou um novo módulo do curso para continuar capacitando os integrantes dos grupos e chamar mais pessoas para o serviço do culto na comunidade. A base bíblica utilizada para a formação dos grupos está em Mateus 28. 18-20: “Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado”. Segundo Bootz, esse versículo alcança a dimensão do trabalho de grupos de liturgia:

[...] fazer discípulos (evangelismo), batizar (rito do batismo), em nome de... (saudação formal), ensinar (prédica), a guardar (pedagogia litúrgica). A comunidade cristã é a expressão visível do Cristo, é o Corpo de Cristo ressurreto. [...] Cada membro do Corpo de Cristo participa desse ministério geral com seus dons. Os ministérios especiais, como o da liturgia, têm que existir [...].²⁰

Esses relatos mostram que o trabalho com equipes de Liturgia, iniciado de forma forte na década de 90, deu bons frutos e contribuíram para um renovo espiritual das comunidades. O culto foi devolvido à comunidade. As celebrações ganharam alegria e despertaram dons antes escondidos no meio da comunidade. A formação das equipes de liturgia faz o membro entender o culto e a sua dinâmica, passando de uma simples ação passiva e receptora para uma ação ativa e participativa. A comunidade vai passando por um processo de alfabetização litúrgica, onde cada vez mais pessoas passam a entender a celebração e a sentir-se parte integrante da comunidade.

Mas nem tudo são flores. Mesmo com esses bons exemplos o trabalho com as equipes de liturgia ainda enfrenta muitos obstáculos e dificuldades, tanto por parte dos ministros ordenados quanto por membros das comunidades. No âmbito da IECLB, poucas comunidades conhecem o trabalho de uma equipe de liturgia e, portanto, as celebrações ficam exclusivamente sob a condução do ministro ordenando.

Equipes de liturgia no âmbito católico: avanços e desafios

Na ICAR brasileira as equipes de liturgia merecem destaque. Em muitas regiões do país, onde a presença de um ministro ordenado é esporádica, as pastorais litúrgicas são incumbidas de planejar e realizar as celebrações nas comunidades. A ausência do padre não é motivo para não haver celebração. Outro fator que merece grande destaque é a formação para o trabalho nas comunidades. As dioceses, em todas as regiões do país, oferecem uma quantidade enorme de possibilidades de formação para as pessoas que integram as pastorais e equipes de liturgia. Além disso, existe uma vasta literatura disponível para capacitação daqueles que se dedicam ao serviço cristão na comunidade. Podemos destacar nesse sentido o papel que o CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) desenvolve, publicando uma série de materiais na área bíblica e oferecendo oficinas e encontros de formação que capacitam lideranças para o trabalho nas comunidades e paróquias. Outras ações importantes são as Escolas de Fé e Política e os cursos de teologia para as pessoas não-ordenadas.

¹⁹ BOOTZ, Everton Ricardo. Formação de um grupo de liturgia. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v. 1, n. 32-33, 2010. p. 31-32.

²⁰ BOOTZ, 2010, p. 31.

Existe uma vasta bibliografia para a preparação das equipes de liturgia que vai desde a explicação do que é uma equipe de liturgia até o estudo de todos os passos litúrgicos. Além disso, as bibliografias sobre a temática enfatizam e valorizam a espiritualidade, imprescindível para a uma boa formação. A grande quantidade de materiais e publicações tem relação com a grande quantidade de centros de formação católicos que produzem uma gama muito grande de livros, revistas, textos, etc. Essa produção enriquece a formação tanto do clero quanto dos membros, destacando a grande quantidade de materiais voltados para a formação de pessoas que estão integradas nas equipes de liturgia e nas demais pastorais.

Entre os católicos, foi a partir do Concílio Vaticano II que se deu início a uma virada eclesiológica na liturgia. Ione Buyst²¹, assim descreve:

O Concílio Vaticano II deu uma virada eclesiológica na liturgia; introduziu uma mudança radical na maneira de entendermos o sujeito, ou agente, ou os “atores” da liturgia. Quem celebra não é o clero. Quem celebra é todo povo santo de Deus reunido em assembleia; é toda a comunidade unida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. Os presbíteros não celebram para o povo, mas juntamente com ele, fazendo parte dele e estando a serviço da assembleia celebrante, em comunhão com os ministros ordenados.²²

A partir dessa mudança, tem-se um novo modelo de Igreja, abrindo espaço para a atuação de novos “atores” que antes não entravam em cena. Está aberta a possibilidade de realizar uma celebração onde muitas pessoas têm lugar com seus dons e seu serviço. Dentro dessa proposta, uma coisa deve estar clara: na liturgia nem tudo pode ser realizado por todos/as ou por alguém indistintamente. Existem ações litúrgicas próprias para os ministros ordenados, outras a ministros não ordenados e outras a toda assembleia. Tais divisões entre as ações dentro da comunidade ainda trazem problemas, pois muitas pessoas acabam não recebendo o consolo do Sacramento dos Enfermos e inúmeras outras não tem acesso dominical a Eucaristia, pois essas tarefas são de exclusividade do ministro/a ordenado/a.²³ Para Ione Buyst, todos os ministérios deveriam atuar em comunhão, em sintonia com a assembleia. Ela destaca o papel das equipes de liturgia, pois essas equipes tem a finalidade de celebrar em sintonia com a comunidade.²⁴

A renovação no modelo de Igreja proposta pelo Vaticano II não é unanimidade dentro da ICAR. Ainda há aqueles que defendem uma igreja clericalizada. Ione Buyst escreve:

Todas as pessoas que vêm as celebrações têm consciência de serem corpo de Cristo no Espírito Santo, povo sacerdotal, profético e régio? Os padres celebram de fato com o povo, presidentes de um povo celebrante? Ou continuam sendo celebrantes para um aglomerado de gente que vem “assistir à liturgia do padre? Continua forte a resistência à participação das mulheres em condições de igualdade com os homens. O que falta para que as mulheres deixem sua condição de “segunda categoria”? E convém perguntar: até que ponto a Igreja é de fato, dos pobres? Custa deslanchar a inculturação da fé. Até que ponto estamos conseguindo superar o monopólio cultural que foi imposto há séculos? [...] As leigas e os leigos evangelicamente engajados em sua profissão, em seu trabalho,

²¹ A irmã Ione Buyst é atuante na formação litúrgica, tanto no campo acadêmico como no campo pastoral e popular, professora universitária, assessora treinamentos, encontros e cursos de teologia e pastoral litúrgicas a pedido de institutos de teologia, dioceses e regiões pastorais, congregações religiosas, movimentos inter-ecliais de comunidades de base, com vários livros e artigos publicados, tanto na área acadêmica quanto na pastoral.

²² BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. Valencia: Siquem, 2002. p. 91.

²³ BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da, 2002, p. 95.

²⁴ BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da, 2002, p. 95-96.

em ONGs e outras organizações sociais estão encontrando seu espaço e expressão também na liturgia?²⁵

As questões levantadas por Buyst são de grande relevância e apontam para a grande dificuldade, ainda existente no meio católico de reconhecer, por exemplo, o ministério feminino e o ministério de pessoas “leigas”. Superar essas barreiras seria um grande passo para uma igreja mais inculturada e mais presente na vida dos fiéis católicos, já que a quantidade de ministros ordenados não supre a demanda das comunidades. Nesse aspecto, a valorização das equipes de liturgia é de vital importância para as comunidades católicas.

Frei Fabreti, ao escrever sobre equipes de liturgia, defende a ideia de que os ministros ordenados e membros da igreja formam um único corpo e dependem um do outro para existir e realizar o seu propósito, colocar os seus dons em ação para o serviço do culto:

[...] se os ministérios tem uma função na igreja, então os cristãos não podem dizer aos ministros: não temos necessidade de vós. Assim como os ministros não podem dizer aos demais membros da igreja: não temos necessidade de vós. Os ministros deve ser solidários aos membros da comunidade, como a comunidade, aos seus ministros.²⁶

Ao analisar a caminhada das equipes de liturgia na ICAR brasileira percebe-se que, mesmo com uma grande atuação em todo território nacional, elas enfrentam muitos entraves por conta de uma tradição dogmática muito rígida e excludente, sem perspectivas de mudanças. Vozes que buscam uma renovação na forma de celebrar e de entender o sacerdócio dentro da Igreja não são ouvidas ou preferem recuar em seus discursos por obediência ou para evitar punições.

Conclusão

Em relação a conceituação de equipes de liturgia, tanto os teóricos da ICAR no Brasil quanto os teóricos da IECLB definem equipes de liturgia de forma bem semelhante. Também convergem a ideia de que todas as pessoas são chamadas para celebrar e as equipes de liturgias seriam o espaço propício para que todas as pessoas possam exercer o seu sacerdócio. Porém, quando partimos para as doutrinas, dogmas, tradições e práticas das igrejas percebe-se claramente as divergências.

Comparando com a realidade da IECLB, a ICAR tem limitações muito fortes para a formação das equipes de liturgia devido a sua tradição apostólica. Mesmo assim, permanecem lutando e buscando um sacerdócio igualitário dentro da Igreja. Mesmo com os entraves, as pastorais católicas são um exemplo de atuação nas mais diversas áreas.

A IECLB caminha no sentido oposto a essa discussão. De acordo com a sua doutrina e seus regimentos, o sacerdócio geral de todos os crentes escancara as portas para a participação efetiva dos membros em equipes de liturgia. Mesmo assim, ainda é presente nas comunidades da IECLB uma concentração de poderes nas mãos de ministros/as ordenados/as enquanto os membros ficam satisfeitos em atuar de forma passiva nas celebrações. Existem exceções, mas ainda predomina em muitas comunidades essa dura realidade.

²⁵ BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da, 2002, p. 97.

²⁶ FABRET, 1992, p. 43.

Referências

KNEBELKAMP, Ari; TREIN, Hans Alfred. *Liturgia: como se faz*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

FABRETI. *Dinâmica para a equipe de liturgia: orientações práticas para animação das celebrações*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Nossa fé, nossa vida: guia da vida comunitária na IECLB*. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2011.

EQUIPE TEAR. *Equipes de liturgia da IECLB, o sonho acabou? Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v.1, n.1, 2000.

BECHERT, Marcos; WEBER, Eloir Enio. Equipe de liturgia de Estrela-RS conta um pouco de si. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v.1, n.2, 2000.

DAENECKE, Paulo Augusto. A caminhada das equipes de liturgia na Paróquia Evangélica Arroio da Seca - Imigrante/RS. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v.1, n.4, 2001.

BOOTZ, Everton Ricardo. Formação de um grupo de liturgia. *Tear: Liturgia em Revista*, São Leopoldo, v. 1, n. 32-33, 2010.

BUYST, Ione; SILVA, José Arioaldo da. *O mistério celebrado: memória e compromisso I*. Valencia: Siquem, 2002.